



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Comunicação e Resistência

Communication and Resistance

Ana Cecília Aragão Gomes

Palavras-chave: Comunicação; Resistência; Política.

Tentaremos neste artigo traçar uma rota na direção de um olhar exploratório sobre o “drama” do homem contemporâneo. Nesta tentativa, parte-se do paradigma em que o conhecimento encontra-se em permanente movimento indagativo, evitando a dicotomia entre o geral e o particular, mas sim dos seus cruzamentos. E, assim, podemos ter um percurso dessa exploração que tenta problematizar como poderíamos pensar uma política da comunicação que supere a alienação e o fetiche produzido pelo espetáculo e pela espetacularização midiática? Para responder esta questão, iniciamos um caminho que se fazem conversação com pensadores como Walter Benjamin (2011), Marshall McLuhan (2005), Giorgio Agamben (2010; 1993), Simondon (2015), Enzo Melandri (2004), Hardt e Negri (2004) e Vilém Flusser.

Segundo Walter Benjamin (2011, p.53), “toda linguagem comunica a si mesma (...) Aquilo que é comunicável em uma essência espiritual é aquilo no que ela se comunica; o que quer dizer toda língua se comunica a si mesma”. Sendo toda linguagem *medium* da comunicação. E a dúvida se coloca como imperativo, pois duvidar gera movimento, mas não para ir de um lugar para outro, mas para o próprio movimento, como podemos entender a partir da dialética da imobilidade (*Benjamin, 2009*), em que a dialética fica suspensa, na imobilidade (*im Stillstand*), permitindo que a comunicação esteja comunicante, pois, nessa perspectiva, tudo fala e tudo emudece. Para compreendermos esse movimento *im Stillstand*, é preciso entender a comunicação na (linguagem em si mesma), e não através de (o que se expressa através da linguagem) e



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

acatarmos a falta de judicatividade da linguagem. Os meios nesse sentido são instrumentos que interferem, mas não determinam o caráter da comunicação.

Assim, partimos da hipótese de que a comunicação supõe um modo de dizer que gera um modo de pensar, encontrando-se assim no tempo contínuo. Isto supõe estarmos em alerta, já que a comunicação não pode ser apreensível em sua totalidade, mesmo que possa ser expressiva. A comunicação é uma capacidade de estar sempre em disponibilidade comunicativa, ou seja, em permanente “transformação, e não transporte” (MCLUHAN, 2005).

Aqui, entendemos a comunicação como um *a priori* da cultura e geradora dos impactos e transformações daqueles processos, construindo e engendrando outras configurações culturais. Esse posicionamento é importante, porque problematiza e inverte o ponto de vista sobre a comunicação e a cultura, possibilitando outro método para fruir e modificar a realidade em diálogo e conversação.

Assim, não é possível entendermos a comunicação senão como potência de criação, invenção e transformação, o que nos obriga a ir além do código em busca de sermos mais comunicantes.

Com essa compreensão, colocamos em diálogo o conceito de nova imaginação de Flusser (2008a), pois, para ele, essa nova imaginação (tecnoimaginação) deve ser capaz de decifrar o que está oculto, o que está por trás das imagens/códigos (paredes opacas que condicionam o comportamento alucinatório de seus consumidores) e ir além delas para ler o universo programado e modelizado que está por trás destas configurações midiáticas. Para ele (1979), “toda imagem por funcionar como um mapa para orientação do mundo, também funciona como biombo que impede a visão do que se está atrás dele”, gerando, segundo ele, uma dialética nefasta.

Assim, tudo que vemos também nos olha e nos cega, o que evidencia a permanente necessidade de duvidar, de estar atento e desconfiar do que nos é dado, apresentado. Já que a comunicação gerada por uma sociedade de controle está pautada



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

no programa, no aparelho – dispositivo – capaz de ordenar a vida e tem por lógica a-significação, o esvaziamento e a abstração (nulodimensão) de tudo o que seja possível por meio da instauração de um estado de exceção, a fim de que o corpo, o homem, a vida torna-se invisível, torne-se vida nua e, conseqüentemente, matável.

Nesse ambiente, a vida passa a ser/ participar de jogos absurdos e, com isso, perdemos o senso da realidade e a distinção entre realidade e ficção perde significado. Frente a este abismo translúcido, Flusser (2011a) destaca essa nova ontologia relacional que implica em outra abertura para a existência humana: abertura rumo à morte, rumo ao nada. Já que o modelo da caixa preta, não é necessariamente o único do qual podemos nos servir para captarmos o nosso estar-no-mundo, outro modelo é possível: um modelo de vivência e de conhecimento do outro, fundado sobre a vacuidade. Um modelo fundado sobre a consciência do absurdo da existência humana, como um modelo de fim de jogo.

Assim, o pensamento analógico apresenta-se como um lugar entre, pois se situa entre a linguagem e a realidade. Assim, a imagem pode estar em outro lugar, para além do que é visível. Ela tem, como linguagem, a potência na construção da motivação na linguagem. E a motivação é subversiva e passa a ser uma resistência comunicativa. A imagem perdura e se perde constantemente. E aqui a analogia expõe seu senso político, já que se trata de um eixo relacional que inclui a contradição, o alienado, o excluído, o terceiro.

Então, poderíamos chegar a um terceiro incluído, a partir de um comunicar e uma conversação pela linguagem e na linguagem promovendo a singularidade do *quodlibet* (AGAMBEN, 1993, p. 11), “qualquer um, indiferentemente”, nem particular nem universal, apenas “um próprio ter-lugar”.

Coordenar esses conceitos e ideias é fundamental para pensarmos uma política da comunicação, tendo em vista que a comunicação é também engajamento político *sensu stricto*, pois tem a possibilidade de tornar público algo privado e pô-lo em



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

conversação, possibilitando, assim, a metaindividuação e uma nova subjetividade por uma capacidade de resistência: a multidão. Assim, a comunicação pode ser pensada como a zona de operação do transindividual no coletivo, pois a comunicação está em movimento, num ato comunicante que nunca se completa; como o processo de linguagem que em colaboração – conversação tem em potência a produção do terceiro incluído.

Essa perspectiva traz consigo a possibilidade de resistência por meio dos novos usos e a profanação do dispositivo/aparelho/programa, por meio de uma desativação feita pelo brincar, pela dissolução da gravidade da política jurídico-estatal por meio de jogos de mobilização e ação e jogo discursivo, de palavras. Transformar o aparelho em brinquedo e profanar sua programação, essa é uma possibilidade de sairmos da ordem arbitrária da linguagem e gerar performatividade linguística que retornem aos ícones e índices, à primeiridade e à secundidade a fim de, em conversação, conseguir gerar um conhecimento analógico capaz de fugir dos códigos e dos programas, rompendo com a magia da técnica, rumo a uma nova imaginação, uma outra comunicologia.

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- _____. *Signatura Rerum*. Sobre el método. Barcelona: Editorial Anagrama, 2010.
- _____. A comunidade que vem. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- _____. Profanações. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- _____. Arqueologia de uma arqueologia. In: La linea e il circolo. Studio logico-filosofico sull'analogia. MELANDRI, Enzo. Macerata - Itália: Quodlibet, 2002. Trad.: Eduardo Fernandes Araújo. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/espacc/files>. Acessado 01.05.2016.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Comunicação, Mediações, Interações. São Paulo: Paulus, 2015.
- FLUSSER, Vilém. O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007b.
- _____. O universo das imagens técnicas. Elogio a superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008a.
- _____. Comunicologia. Reflexões sobre o futuro: as conferências de Bochum. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2014.
- _____. Ora, aprenda a ler televisão, fotografia... Revista sem catalogação, Dezembro, 1979.
- HARDT, M; Negri, A. Traces of the multitude. In: Multitude: war and democracy in the Age of Empire. New York: The Penguin Press, 2004.
- MELANDRI, Enzo. La linea e il circolo. Studio logico-filosofico sull'analogia. Macerata - Itália: Quodlibet, 2002.
- SIMONDON, Gilbert. La individuación a la luz de las nociones de forma y de información. 2ª ed. Buenos Aires (Argentina): Editorial Cactus, 2015.